



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA GUERRA DOS MIL DIAS NAS OBRAS DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

Marina Procópio Rodrigues da Cunha\*

1

Gabriel Garcia Marquez escolheu um recorte emblemático para sua autobiografia, iniciando-a em uma viagem por suas memórias, respaldada pelas lembranças da casa onde nasceu. *Viver para Contar*, não trata de toda a extensão de sua vida, mas do período que lhe foi decisivo para se inventar como autor.

É um livro que trata de memória, num sentido próximo ao trabalhado por Pesavento, por Ricoeur, um livro que não se compromete essencialmente com a verdade mas sim com aquilo de que se lembra o autor. Uma memória emocional, quando comparada ao trabalho do biógrafo Gerald Martin, que não tem pretensões de se apegar ao estritamente real, como descrito em sua epígrafe:

La vida no es la que uno vivió, sino la que recuerda y cómo la recuerda para contarla<sup>1</sup>

---

\* Formada em História pela Universidade de Brasília. É mestrandando na mesma instituição desde 2012, na qual estuda as relações entre história e literatura. É orientada pela professora Dr. Cléria Botelho. Também faz parte do grupo de estudos História e Memória chefiado pela professora Dr. Sara Almarza.

<sup>1</sup> GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **Viver para Contar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. P. 5

O recorte escolhido por Gabriel Garcia Marquez em sua auto-biografia privilegia sua infância em Aracataca. Não é para menos, este período de sua infância foi vivido com seus avós, mais especificamente com seu avô o Coronel Nicolás Marquez Mejías, veterano da Guerra dos Mil Dias. Garcia Marquez se tornará o herdeiro minemóico de seu avô e são essas construções conjuntas, tanto da memória quanto da representação que muito nos interessam.

Como bem sabemos por intermédio de Halbwachs, a memória coletiva tira sua força e sua duração dos indivíduos que a lembram, dos grupos.<sup>2</sup> Mas esta também é modificada por cada um destes indivíduos, cada vez que estes a rememoram, cada vez que a repetem, suas lacunas são preenchidas pelas memórias individuais, pelas representações de cada uma daquelas lembranças<sup>3</sup>.

Pois se um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, por que é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois<sup>4</sup>

Ler a história da infância do autor é conhecer as pessoas por trás de seus personagens. Não há como não fazer as comparações, associando cada membro de sua família com alguns dos lendários personagens de Cem Anos de Solidão. Estudando o livro de Gerald Martin, *Gabriel Garcia Marquez: Uma Vida*, é possível se dar conta de que algumas dessas comparações pouco tem de grosseiras, são na verdade factíveis, palpáveis, algumas inclusive alardeadas pelo próprio García Márquez.

O objetivo aqui Não é esmiuçar quem é quem em cada personagem, mas perceber o processo que leva as memórias, constituídas em conjunto, à formarem as representações de uma sociedade a respeito de um passado em comum.

Existiram (os personagens) enquanto possibilidade, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na 'verdade do simbólico' que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da

---

<sup>2</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2011. P. 69

<sup>3</sup> HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. P. 71

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. Obras Escolhidas. Volume I, Brasiliense: São Paulo, 1985, p.37.

vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.<sup>5</sup>

Ambos: o coronel Aureliano Buendía, personagem de *Cem Anos de Solidão* e também de vários outros contos, e o Coronel, personagem de *Ninguém escreve ao Coronel* têm uma guerra em comum, um passado. Ambos são veteranos da Guerra dos Mil Dias, um conflito colombiano, da virada do século XIX para o XX, que marcou a história do país, a vida dos colombianos da região da costa do Caribe e, mais particularmente, a família de Gabriel García Márquez.

O avô de García Márquez foi veterano de tal guerra e suas histórias e os pesares de sua velhice são mencionados a todo momento em *Viver para Contar*. Fizeram parte da infância do autor, não só as histórias de tempos passados, mas também os desdobramentos presentes. A espera pela pensão de veterano que nunca chegou, o status social de que seu avô gozava entre os demais moradores de Aracataca, mesmo nos tempos de maiores dificuldades financeiras.

E é este o viés que aqui muito nos interessa, a intersecção entre a memória e a literatura. Primeiramente, a respeito do estudo de literatura como fonte para a história, é preciso lembrar as palavras de Sandra Jatahy Pesavento, em *História & História Cultural*, em que esta define, no âmbito da História Cultural, o valor do estudo da literatura como fonte histórica:

[...] decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo.<sup>6</sup>

Num segundo momento, procuro trabalhar ainda em Pesavento o conceito de Representação. Para a autora, as representações formam uma “realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas”<sup>7</sup>; substituiriam o mundo real, tomariam o seu lugar dentro do imaginário.

---

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história** in COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *História e Literatura: Identidades e Fronteiras*. 1 ed. Uberlândia: Edufu, 2006. pag. 15

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. Pág. 42.

<sup>7</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, p. 39

construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência”. Esta substituição do mundo por sua representação não significa que temos aí uma cópia fiel da realidade, “mas uma construção feita a partir dele”<sup>8</sup>

Para a autora, assim como a memória, as representações se baseiam na “verossimilhança e da credibilidade, e não de veracidade”<sup>9</sup> o que abre um imenso espaço de estudo que tenha a literatura como fonte, como é o caso deste trabalho.

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.<sup>10</sup>

A Guerra dos Mil Dias se passa, oficialmente, entre os anos de 1899 a 1902. Foi uma guerra travada entre os partidos Liberal e Conservador que nesse momento lutavam por espaço político dentro de uma Colômbia já sulcada por intermináveis guerras civis. Um dos principais motivos pelo qual se deu o embate foi a luta dos liberais pela instituição do estado laico. Em outubro de 1902 foi assinado o tratado de Neerlandia, que punha fim a guerra; este tratado no entanto não impediu que ela perdurasse por mais um mês entre encouraçados no mar do Caribe. Juntamente com outros liberais, Nicolás Márquez Mejías perdeu a guerra e esperou durante quase cinquenta anos, até o fim de sua vida, pela chegada da pensão de veterano prometida ainda nas terras de Neerlandia.

A Guerra dos Mil Dias esteve sempre presente nas obras de Márquez, do Coronel em *Ninguém Escreve ao Coronel* ao legendário e onipresente Coronel Aureliano Buendia. Personagens que lutaram na famigerada guerra e, como o avô de Gabriel García Márquez, viveram para encontrar na velhice o descaso das autoridades na eterna espera pela pensão. As semelhanças não findam nessa espera em comum

---

<sup>8</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, p. 40

<sup>9</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, p. 41

<sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit (2006) Pág. 22

certamente; é a ela que me atendo, a este passado de lutas comum, a este presente de espera comum.

Tal realidade não acomete apenas as personagens e suas famílias, mas também toda uma geração de colombianos da região do Caribe, que viveram o mesmo drama da espera pela pensão, lutaram na mesma guerra, que morreram vítimas do mesmo descaso. Dentre eles o próprio avô do autor, fonte, em sua infância, de todas as memórias e representações relativas à Guerra dos Mil Dias.

Haveremos de conceber essa intersecção sob o prisma das idéias de Pollak, a maneira como a identidade virá a ser formada a partir das flutuações da memória, é também um fenômeno construído.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si<sup>11</sup>

A identidade que virá a ser formada pelos veteranos liberais da Guerra dos Mil Dias, uma identidade de derrota e ressentimento, alimentará também a disputa política entre liberais e conservadores na região caribenha da Colômbia, disputa esta que se encrudecerá ainda mais durante a década de 1940. Aqui me pauto nas palavras de Pollak “Memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.”<sup>12</sup>

É também muito importante não perder de vista o valor da memória herdada. Esta memória herdada por vezes pode vir a ser aquilo que Pollak chama de memória dos acontecimentos vividos por tabela.<sup>13</sup> Acontecimentos dos quais não fomos testemunhas no entanto fazem parte da construção de nossa identidade, da construção do nosso pertencimento ao grupo.

No caso aqui em questão nosso estudo se dá através das relações de memória coletiva construídas na comunidade caribenha a partir das vivências dos veteranos da

---

<sup>11</sup> Pollak, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, n. 10, 1992, p. 204

<sup>12</sup> Pollak, Michael. Op. cit. p. 205

<sup>13</sup> Pollak, Michael. Op. Cit. P. 201

Guerra dos Mil Dias. Como Ricoeur mesmo salienta em sua obra anteriormente citada, A memória, não é, em absoluto, pura. É uma prolífica união entre conhecimento e sensação.<sup>14</sup>

Para assim completarmos nossas reflexões a respeito da memória é preciso lebrar da definição de Ricoeur: A memória é a presença do ausente. O esquecimento é, na verdade, parte intrínseca, constituinte e definidora da memória.

Assim como em Cem Anos de Solidão, onde o coronel Aureliano Buendia, quando ainda jovem, se encontra no meio da epidemia da insônia e encontra uma maneira de vencer o esquecimento:

Fue Aureliano quien concibió la fórmula que había de defenderlos durante varios meses de las evasiones de la memoria. la descubrió por casualidad. Insomne experto, por haber sido uno de los primeros, había aprendido a lá perfección el arte de la platería. Um día estaba buscando el pequeño yunque que utilizaba para laminar los metales, y no recuerdo su nombre. Su padre se lo dijo: << tas>>. Aureliano escribió el nombre em um papel que prego com goma em la base del yunquecito: tas. Así estuvo seguro de no olvidarlo em el futuro.<sup>15</sup>

6

Assim como para o jovem Aureliano, para nós a palavra escrita tem um poder petrificação da memória e do ocorrido. No entanto a palavra escrita é exatamente tão confiável quanto a memória como podemos exemplificar no trecho seguinte:

Así continuarón viviendo em uma realidade escurridiza, momentáneamente capturada por las palabras, pero que había de fugarse sin remedio cuando olvidaran los valores de la letra escrita.<sup>16</sup>

Ainda nesta linha de pensamento, assim como para todos nós a memória aqui não é mais que o Eikon, no sentido apresentado por Ricoeur<sup>17</sup>, ela pode se aproximar muito mais da imaginação do que esperamos. Assim não podemos contar com sua integridade, assim como não poderiam os habitantes de Macondo:

Em todas las casas se habían escrito claves para memorizar los objetivos y los sentimientos. Pero el sistema exigia tanta vigilancia y

<sup>14</sup> RICOEUR, Paul. **Op. Cit.** Pag. 28

<sup>15</sup> GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **Cien Años de Soledad**: Edición conmemorativa. 1 ed. Bogotá: Alfaguara, 2007. Pag. 59

<sup>16</sup> GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *Op. cit.* Pag. 60

<sup>17</sup> RICOEUR, Paul. **Op. Cit.** Pag. 18

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

tanta fortaleza moral, que muchos sucumbieron al hechizo de una realidad imaginaria, inventada por ellos mismos, que les resultaba menos práctica pero más reconfortante.<sup>18</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. Obras Escolhidas. Volume I, São Paulo, SP. Brasiliense: 1985.

COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e Literatura: Identidades e Fronteiras**. 1 ed. Uberlândia, MG: Edufu, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo, SP: Centauro, 2011.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cien Años de Soledad**: Edición conmemorativa. 1 ed. Bogotá: Alfaguara, 2007.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para Contar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2004.

Pollak, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, n. 10, 1992.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. 1 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

---

<sup>18</sup> GARCIA MARQUEZ, Gabriel. Op. cit. Pag. 61